

A ensaística de Vianna Moog

■ Evaristo de Moraes Filho

Conferência no Pen Clube do Brasil, em 29 de outubro de 1986.

1. Deram-me quinze minutos, se tanto, para falar sobre a obra ensaística de Vianna Moog. Em outras palavras: condenam-me a um processo mecânico de encurtamento, como que meido num sapato chinês ou achatado por um elevador que despenca do décimo andar. Condenam-me a colocar um gigante dentro das roupas de um anão ou a tentar guardar um joazeiro numa caixa de fósforo, como na conhecida anedota do caçador que reduziu a fera ao tamanho de uma lagartixa, espianando-a pelo lado trocado do seu binóculo... Isto é, em vez de carta, brasileira ou persa, os Senhores receberam de mim um simples telegrama, pobre e acanhado, da rica ensaística de Vianna Moog.

Orador de sua turma nos comços de 1930, jovem de 23 anos de idade, sonhava o novo bacharel com o advento de um mundo melhor, baseado na Liberdade, Igualdade e Fraternidade dos revolucionários de 89. Queimava-se no ideal de melhorar a existência de todos, de acabar com as diferenças sociais, de tornar a vida digna de ser vivida. Em suas próprias palavras: "Dir-se-ia que a poeta doirada que se tinha feito montanha através dos séculos, a tímida luz bruxuleante que se converteria em clarão do incêndio — não por em incêndio que destrói, senão incêndio que ilumina as bandas do futuro — o anseio indeciso que fora programa de apóstolos, cruzada de mártires, estava em véspera de converter-se em ideal de todos os homens de boa vontade".

Este mesmo jovem, porém, já havia sido nomeado agente-fiscal do imposto de consumo desde dezembro de 1926, em "uma manhã úmida e sombria de sexta-feira". Tudo isso vai muito a ter com a futura obra do jovem diplomado de 1930. Idealista, sonhador, libertário, logo se desilude e fica com a liberdade prometida e se alinha entre os contestadores de 1932, pela constitucionalização do país. Combate o tenentismo e a continuação da ditadura. Recebe como castigo o exílio dentro de sua pátria e é obrigado a fixar residência no extremo norte do país. Em pelo menos duas oportunidades bendiz Moog esse exílio político. Numa delas: "Devo aos acontecimentos revolucionários de 1932 a excelente oportunidade de conhecer a Amazônia, que até então não havia entrado no domínio de minhas cogitações. A cumprir pena de exílio político, lá esteve de outubro do mesmo ano a julho de 1934. Durante esse tempo fui obrigado a percorrer-lhe em vários sentidos e em épocas diferentes, circunstâncias esta que me permitiu observá-la de um modo e de outro modo, na multiplicidade de seus aspectos".

Em outro momento de sua vida, referindo-se a si próprio no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, a 17 de novembro de 1945: "Mas, fato estranho na sua singularidade: hoje ele não maldiz nem o exílio, nem o ostracismo. Antes egotisticamente os abençoa. Bendito exílio, abençoado ostracismo! Um e outro, impedindo-o de aspirar a situações eletivas, fizeram-no, em compensação, descobrir do outro lado de si próprio um dos aspectos do seu temperamento até então apenas vagamente entrevisto, mas sempre represso: a vocação literária". Do período amazônico surgiram *Os heróis da decadência*, sua estréia literária, 1934, e *O ciclo do ouro negro*, sobre a própria Amazônia, de 1936. Segundo Monteiro Lobato, só pela publicação deste segundo livro, justificou-se a revolução de 1932.

2. Nunca vulgar nem mediocre, não houve nenhuma obra de Vianna Moog que não suscitasse polémica. Só fez vir a público temas que inovavam, que revolucionavam as antigas maneiras de pensar, que diziam alguma coisa nova e inédita. O só título de *Heróis da decadência* já denota em si a originalidade da tese. Não se trata de heróis consagrados por Carlyle, de sanguinários, de vitoriosos, de líderes de povos e de correntes de opinião, que se impõem ao comum dos mortais e os conduzem. Muito ao contrário. São pessoas pacíficas, irônicas, tranquilas, quase indiferentes, que não pretendem em nada influir nem mudar coisa alguma. Por isso mesmo só aparecem em épocas de decadência, nunca de esplendor nem de ascensão. Nota-se, de logo, certa influência spengleriana em Moog, fato por ele nunca negado. Em algum período de sua vida grande foi a sua admiração pelo autor de *Decadência do Ocidente*. Os heróis de Moog são humanistas, praticam o humor, que não se confunde com a ironia, com o ceticismo nem com o sarcasmo, embora possa vir a possuir um pouco de todos eles. Mas os humanistas, em si, são tranquilos e de certa forma indiferentes. Não são moralistas, nem reformistas. Não são censores. Por isso mesmo, os humanistas saem das elites, pertencem-lhes. Não possuem a menor influên-

cia sobre as massas, mas nem por isso seu mérito é menor, pois afinal de contas, deve-se a elas a própria continuidade histórica. "Entre o humorista, enquanto puramente humorista, e as massas populares, há uma distância intransponível. E que as massas populares são um milagre de crença que se renova".

Nesta última frase de Moog percebe-se o seu lado humanitário e dádico, o seu aspecto de luta pela justiça social e pela melhoria da qualidade da vida humana. Ele que também pode ser classificado entre um herói da decadência. Em mais de uma oportunidade alude Moog à singularidade da sua geração — sofredora, ética, castigada pelo desencanto. Os exemplos que dá de heróis da decadência são: Suetônio, Cervantes e Machado de Assis; o primeiro surgido nos tempos da decadência do Império Romano; o segundo, ao findarem-se a Idade Média e os tempos feudais; e o terceiro, no período final do Império brasileiro, indiferente à República e à abolição, tendo-se deixado envolver somente no início, na fase romântica do indianismo. Dos três o predileto de Moog é Cervantes. Eis a sua tese em poucas palavras: "Em resumo: quando no tempo há decadência e dentro da decadência homens dotados de inteligência capaz de percebê-la e registrá-la, como os simógrafos registraram os menores abalos da terra, pode realizar-se o humor..." "Decadência, compreensão, ceticismo, — soma total: humor".

A intelectualidade brasileira foi tomada de surpresa pela originalidade e pela ousadia da tese. Em artigo publicado no *Diário de Notícias*, de 10 de março de 1935, sob o título de *Um ensaísta novo*, em meio a elogios, Augusto Frederico Schmidt discorda da tese do estrate, e não esconde a sua perplexidade: "O autor deste ensaio é de um desconhecimento. Jamais encontrei o seu nome numa revista, num jornal, e mesmo numa referência qualquer de conversa. É possível mesmo que Vianna Moog seja um pseudônimo. Nada disso, porém, me interessa, pois o que importa é que o seu livro vem revelar a existência inesperada de um escritor sóbrio e seguro, de um homem acostumado à cultura e ao pensamento e capaz, como poucos dentre os nossos, de tratar de assuntos gerais com desembaraço e elegância".

Apesar de haver escrito que "o humor é um resultado, não é uma intenção" (p. 157), conclui Moog o seu livro, com estas palavras de esperança, citando os comentários das águas de Machado de Assis que assistiam ao diálogo entre Asverus e Prometeu: "Uma água — Ai, ai, ai destrói! Um homem, está morrendo e ainda sonha com a vida" — A outra — "Nem de a odiar tanto, senão porque a amava muito!". E Moog arremata com esta mensagem: "Sursum corda! Alguma coisa, afinal, sempre se salva ao naufrágio das ilusões. Machado de Assis, o maior dos nossos céticos, na sua arte, como no seu viver, é mais uma confirmação de que, tudo somado, a vida há de ser sempre a celebração cônica dos triunfos de Prometeu sobre os desesperos milenários de Asverus".

3. A obra seguinte — *O ciclo do ouro negro* — é um livro à altura das melhores páginas de Euclides da Cunha. O estilo é vivo, colorido, envolvente, é o retrato vivo do meio ambiente descrito. A floresta amazônica lhe desperta o mesmo terror cômico a que se referia Graça Aranha, como um dos pilares do seu panteísmo metafísico. Alguns trechos significativos: "A Amazônia é um mundo à parte. Inútil procurar defini-la de conformidade com o critério clássico. É geográfica, botânica e geologicamente diferente, tornando vãs as tentativas de querer revelá-la por via de comparação. A Amazônia só é rigorosamente semelhante a si mesma"... "É de uma natureza que não se abandona, que não se entrega, que não faz confidências"... "No que diz respeito à Amazônia, tanto se pode errar afirmando, como negando"... "Jamais pude compreender o que fosse terror cômico. A Amazônia me revelou"... "A realidade, infelizmente, veio também contrariar a metáfora arrojada de Euclides da Cunha, que precipitadamente conferiu aos nordestinos as honras de "domadores da Amazônia. Porque a Amazônia mantém-se ainda indomada".

Da floresta, Moog passa ao homem, notadamente aos nordestinos, a esses povos assediados de flagelos naturais. Não dominam a Amazônia, não chegam a vencê-la, mas só eles a conservam: "Tudo quanto o homem consegue na Amazônia para fins econômicos é com muita luta, somente com muito trabalho. A todos o meio tem implacavelmente derrotado. Os outros fogem. Só o caboclo fica. A sua desmarcha, a sua conformidade fez dele um adaptado à terra. E é afinal o caboclo, esse tão injuriado caboclo, quem nos assegura a posse do deserto".

Conclui o livro de forma inesperada: "Aqui o homem escoteiro será sempre derrotado. Por mais rico de eugenismo, acabará diluindo-

se no mundo anônimo dos vencidos, impotente para avançar sobre uma natureza que forma quadrados para se defender. Não, não resta mais dúvida: na Amazônia só há lugar para uma grande experimentação de caráter socialista".

Em *Nos, os publicanos*, de 1946, há trechos como este: "Eu, por mim, não compreendo, absolutamente não compreendo que os benefícios que usufruávamos, e que a inflação tem alarmantemente reduzido, não possam ser desfrutados por todos. E me recuso terminantemente a acreditar que no mundo em que vivemos sempre haja de haver riqueza e miséria, ricos e pobres, os ricos afrontando os pobres com sua opulência, e os pobres sobressalando os ricos com o seu rancor. Isto não deve continuar. Não se trata de dividir a miséria. O que se trata é de melhor dividir a riqueza".

4. *Novas cartas persas* apareceu em edição do Globo, no ano de 1937. A maneira de Montesquieu, tomado conscientemente por modelo, dois persas trocam correspondências a respeito de suas andanças pelo mundo, e um deles vem parar exatamente no Brasil. E o livro em que se revela com mais força a ironia e o humor de Vianna Moog. Os bons e os maus costumes do nosso país são aqui apreendidos, onde não faltaria o sempre famoso *filho brasileiro* para tudo. Nem a Academia escapa. Veja-se este trecho: "Não param as minhas investigações. Fui assistir também a muitas sessões e conferências no mais alto círculo cultural do País, a Academia Brasileira de Letras, que se distingue de suas congêneres nas províncias das duas populações, a americana e a brasileira, por desdouro nosso, procura Vianna Moog explicar por outros critérios, mais de natureza psicossocial, as diferenças de ritmos de crescimento entre os dois países: geométrico americano e simplesmente aritmético brasileiro. Sérgio Milliet, mal o livro aparece, não o dá como novo, mas considera a esse bem desenvolvida. Na orla da obra, conclui Erico Veríssimo: "Penetrante, revelador, corajoso, esse livro provocará discussões apaixonadas e ficará na nossa história literária ombro a ombro com *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre". E o próprio Gilberto emitiu esta opinião: "O novo livro do escritor gaúcho é livro que faz pensar. Livro de brasileiro sério e sinceramente preocupado com os problemas da sua gente e de sua época".

Sem necessidade de grande ostentação de cultura e erudição, alicerces teóricos do livro, que ressaltam aqui e ali, o autor falava pela própria boca, não por ouvir dizer. Por muitos anos viverá entre a gente americana. Destuica os vários e complexos fatores que levaram os dois países a seus destinos históricos e a seus desenvolvimentos globais, mostra diferenças profundas, mas não deixa de apontar também semelhanças surpreendentes. Jamais é dogmático nem reducionista a um só fator ou a uma só tese. De maneira original e realmente inesperada, conclui o livro fazendo o paralelo entre Lincoln e Aleijadinho, que "parecem detur o segredo de tudo o que falta" às duas culturas. No substituível resumo de Sérgio Milliet: "No caso dos Estados Unidos a vida contemplativa, o sentido da unidade do mundo, a disponibilidade mental. E no caso do Brasil, o amor ao trabalho, o espírito associativo, o espírito de iniciativa, a fé." E conclui o crítico paulista: "Haverá nessa homenagem a Lincoln e ao Aleijadinho um sentido de identificação do homem comum com o homem excepcional dotado das qualidades a que aquele aspira e que sente necessária? E o que fica por se responder, com a ajuda possível da psicanálise do mito do herói".

5. Mas foi num pequeno opúsculo de 80 páginas, formato pequeno, publicado em 1943, que Vianna Moog trouxe o maior alvoroço aos corifeus da crítica nacional, com *Uma interpretação da literatura brasileira*. Ao invés da história literária linear e cronológica, cívica Moog em sete regiões culturais o país, segundo um critério antropológico, cada qual com o seu estilo e sua concepção de vida. Estamos diante de um arquipélago cultural, constituído de verdadeiras "ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas". Sete são as suas ilhas: Amazonia, Nordeste, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio de Janeiro, na época, a Metrópole. Atacado por uns, defendido por outros, não há negar que a classificação de Moog passou a ser tema obrigatório em qualquer compêndio de história literária nacional. De si, ao assistir-lhe a conferência, disse Hermo Lima: "Será muito criticada, mas nunca deixará de ser citada". Ao receber na Academia, em 1945, escreveu Alceu Amoroso Lima: "Uma interpretação da literatura brasileira, esse sinal de variedade, na interpretação da vida cultural brasileira, tomou corpo num ensaio que marcará época na história do pensamento brasileiro".

Afrânio Coutinho o discute, como digno de consideração, na sua *Literatura no Brasil*. Sérgio Milliet, em 1943, achava-o "defensável", a despeito do seu "exagero antropológico", de certa forma "unilateral e apressado". No ano seguinte, no entanto, voltava a escrever: "Numa conferência, posteriormente editada pela Casa dos Estudantes do

Brasil, Vianna Moog tentou a caracterização geográfica da literatura brasileira. Diante dos livros de contos que tenho sobre a mesa, sinto-me solicitado a fazer o mesmo. Muito mais do que na poesia e mesmo no romance, o regionalismo transparece no conto".

Mas a verdade é que ninguém foi menos dogmático do que o próprio Moog a respeito da sua proposta. Em seu discurso de posse na Academia volta ao assunto: "Sinto-me à vontade para reconhecer que a minha interpretação da literatura brasileira, de algum proveito para a compreensão da maioria de nossos escritores, está longe de esgotar a nossa cultura na multiplicidade e complexidade de suas formas"... "A vida não é sistemática. Transborda dos sistemas. Ou, como dizia Santo Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*: "A vida transborda do conceito". Que o digam os sistemáticos do século XIX, os sistemáticos de todos os tempos. Literatura e a vida não a esgotam os sistemas". Mas a sua contribuição ficou, foi imitada, combatida, mas não deixou matéria de estudo e debate. No terreno da crítica literária, afirma Wilson Martins que *Uma interpretação*, pelo seu significado, "mal se poderia conceber antes de 1940", acompanhando as mudanças de crítica nacional, dado o caráter empirista e impressionista que até então a dominava, salvo raras exceções.

6. Em janeiro de 1955, finalmente, vem a lume o seu ensaio mais sistemático e discutido até hoje, *Bandeirantes e Pioneiros. Paralelo entre duas culturas*. Negando a tese racista, até então vigente, da qualidade étnica constitutiva das duas populações, a americana e a brasileira, para desdouro nosso, procura Vianna Moog explicar por outros critérios, mais de natureza psicossocial, as diferenças de ritmos de crescimento entre os dois países: geométrico americano e simplesmente aritmético brasileiro. Sérgio Milliet, mal o livro aparece, não o dá como novo, mas considera a esse bem desenvolvida. Na orla da obra, conclui Erico Veríssimo: "Penetrante, revelador, corajoso, esse livro provocará discussões apaixonadas e ficará na nossa história literária ombro a ombro com *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre". E o próprio Gilberto emitiu esta opinião: "O novo livro do escritor gaúcho é livro que faz pensar. Livro de brasileiro sério e sinceramente preocupado com os problemas da sua gente e de sua época".

Sem necessidade de grande ostentação de cultura e erudição, alicerces teóricos do livro, que ressaltam aqui e ali, o autor falava pela própria boca, não por ouvir dizer. Por muitos anos viverá entre a gente americana. Destuica os vários e complexos fatores que levaram os dois países a seus destinos históricos e a seus desenvolvimentos globais, mostra diferenças profundas, mas não deixa de apontar também semelhanças surpreendentes. Jamais é dogmático nem reducionista a um só fator ou a uma só tese. De maneira original e realmente inesperada, conclui o livro fazendo o paralelo entre Lincoln e Aleijadinho, que "parecem detur o segredo de tudo o que falta" às duas culturas. No substituível resumo de Sérgio Milliet: "No caso dos Estados Unidos a vida contemplativa, o sentido da unidade do mundo, a disponibilidade mental. E no caso do Brasil, o amor ao trabalho, o espírito associativo, o espírito de iniciativa, a fé." E conclui o crítico paulista: "Haverá nessa homenagem a Lincoln e ao Aleijadinho um sentido de identificação do homem comum com o homem excepcional dotado das qualidades a que aquele aspira e que sente necessária? E o que fica por se responder, com a ajuda possível da psicanálise do mito do herói".

Não, não se faz necessária a psicanálise para responder a indagação de Sérgio Milliet. Responde-a o próprio autor numa bela página de esperança e de amor: "Vivendo, porém, às romarias de americanos a Washington, New Salem, Springfield e Gettysburg, e às de brasileiros a Ouro Preto, São João d'El Rei, Mariana, Sabará, Congonhas do Campo: terão elas um sentido de aprendizado e de identificação com a alma de Lincoln e a alma do Aleijadinho, como têm um sentido cada vez maior de procura e reconhecimento de santidade no tipo de heróismo por ambos realizado, como se todos tivessem impregnados da convicção e subconsciente de que fora da santidade não há grandeza autêntica? Pelo estado atual do mundo, o mais provável é que ainda não o tenham, porque, no dia

em que o tiverem e as duas grandes lições houverem sido nacionalmente assimiladas, americanos e brasileiros, e, com eles, europeus, hispano-americanos, asiáticos e africanos, corrigidas as linhas mestras das nossas respectivas culturas, já estaríamos todos novamente acreditando, se não na possibilidade do reino de Deus sobre a face da Terra, pelo menos naqueles sonhos milenares que prometeu ensinar a Asverus no conto de Machado de Assis: "Os tempos são retificados, o mal acabará; os ventos não espalharão mais, nem os germes da morte, nem o clamor dos oprimidos, mas tão somente a canção do amor perene e a bênção da justiça humana..."

7. **Conclusão** — Não cuidei do restante da obra de Moog, de biografia e de ficção, que, nesta mesma sessão, ficaram ou deveriam ficar por conta de outros oradores. Termine com um sentimento de admiração pelo autor — pelo seu espírito original, pelo seu estilo, pelas suas teses sempre criativas. Ele também é um herói da decadência, que fez da ironia e do humor as seus instrumentos de trabalho, a sua maneira de ver o mundo e a vida. Todos os seus comentaristas lhe destacam o bom uso que faz da ironia. Características suas são as duas epígrafes que ele próprio coloca no início de *Novas Cartas Persas*. De Omar Khayam: "Guarda domínio sobre ti mesmo e nunca te abandones à tua cólera. Se aspiras à paz definitiva, sorri ao destino que te fere; não feras ninguém". E de Anatole France: "A ironia que eu invoco não é cruel. Não zomba nem do amor, nem da beleza. É doce e benevolente. Seu riso aclama a cólera, e é ela que nos ensina a desdenhar dos tolos e dos maus, que, sem o seu concurso, poderíamos ter a franquesa de odiar".

No artigo que sobre ele escreveu, lembra ainda Werneck Sodré a frase de Khayam: "Não levevada a sério. O mundo coloca pesados fardos sobre aqueles que se curvam".

Também herói da decadência, trai-se Moog a cada passo, preocupado com o destino dos humanos, seus semelhantes, deles nada lhe é estranho. O homem comum, o homem da rua, essa massa anônima sempre pronta a crer e a seguir as suas crenças, enchem-lhe o coração de ternura. Lamenta, como a tradição da forma escravocrata brasileira, o desprezo pelo trabalho (p. 41, da *Interpretação*). E, em momentos de confidências, quando se abandona, como no *Discurso da Academia*, deixa escapar palavras como estas, reveladoras do seu temperamento, do seu caráter e da sua personalidade, em suma: "Percebendo, como pertence a uma geração banida e atribulada, provavelmente a mais atribulada de todas as gerações — geração que entre duas guerras vem tateando na penumbra do ostracismo, atordada, inquieta, proscria, vendo ruir o mundo de desacertos e injustiças em que plasmou a sua formação, sem ver surgir, em contornos definitivos, a oportunidade de plasmar o mundo pelo qual há tanto tempo espera, custamente ainda agora acreditar que esteja chegando o dia de assentar-me ao vosso lado, como o dos vossos, para lutar convosco pelo restabelecimento, permanência e continuidade daqueles valores morais e espirituais que fazem, ao lado da justiça social, e só eles, a grandeza das ações".

Pouco adiante lamenta "os que naufragaram na voragem da vida, os que rombaram na luta, os que sofreram prisões e vexames por amor às suas idéias".

E concluo esta minha arenga com as palavras, ainda do *Discurso*, do próprio herói da decadência: "Pertencem, tudo pertencem, aos que não perderam de joço a capacidade de amar e admirar. Conheço as minhas limitações, conheço também as minhas possibilidades. Não me magnifico daquelas, não me desespero destas. Não trago o fardo pesado de ódios e rancores. Já hoje não sei de ninguém a quem não possa apertar fraternalmente a mão".

Este, o grande, o imenso, o generoso Vianna Moog, que, ainda em 1963, no livro A ONU e os grandes problemas sociais do nosso tempo, em cujo Conselho Econômico e Social, por muitas vezes nos representou, tinha esta para de esperança, hoje, de quase utopia: "Para a Unidos, o problema não é mais o de planejar para a guerra. O problema agora é planejar para a paz." Que assim seja, ou venha a ser, querido Moog...

JORNAL DO COMMERCIO

Dois telefones para assinaturas

253.6803
263.3269